

Redução da pobreza em Mato Grosso

Duas importantes pesquisas divulgadas na última semana apresentam dados muito interessantes sobre a realidade econômica e social de Mato Grosso. Tratam-se da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD/2005, produzida pelo IBGE e “Miséria, Desigualdade e Estabilidade: O Segundo Real”, elaborada pela Fundação Getúlio Vargas (Centro de Pesquisas Sociais, do Instituto Brasileiro de Economia – IBRE/FGV).

A partir dos dados brutos da PNAD, especialistas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), sob a coordenação técnica do economista Marcelo Neri, cruzaram dados econômicos e sociais das famílias brasileiras para mensurar a evolução dos níveis de pobreza no país, no período compreendido entre os anos de 1993 e 2005. Os estudos da FGV demonstram que houveram dois saltos de redução da miséria e da desigualdade social no Brasil. O primeiro foi de 1993 a 1995, como resultante da estabilização monetária proporcionada pelo Plano Real (1994). Com a estabilização macroeconômica e a drástica redução da inflação, todos os segmentos sociais tiveram ganhos de renda de 12%. O segundo salto deu-se entre 2003 e 2005, como resultado da continuidade da estabilidade monetária, expansão da oferta de crédito, aumentos reais do salário mínimo, crescimento do emprego formal e, principalmente, expansão do Bolsa Família. A redução da pobreza nesse período (1993 a 2005) foi extraordinário. Em 1993, 35,30% da população brasileira viviam em situação de miséria (com renda familiar inferior a R\$ 121,00). Em 2005, esse percentual baixou para 22,71%. A renda média familiar per capita cresceu 6,6% no período.

A mesma pesquisa traz dados sobre a redução dos níveis de pobreza em Mato Grosso. Em 1993, 37,17% da população de Mato Grosso tinha renda mensal familiar inferior à linha da pobreza (R\$ 121,00). Em 2005, a quantidade de famílias miseráveis reduziu-se para 17,58%, uma expressiva redução de 52,70% em pouco mais de uma década. A inclusão social foi mais intensa no período de 2003 a 2005, quando o percentual de pobreza das famílias caiu de 26,93% para 17,58%, mesmo coincidindo com a crise de liquidez do setor agropecuário, demonstrando, aparentemente, que a economia do estado já apresenta níveis de agroindustrialização e diversificação de sua base produtiva que a protegem mais nos períodos das cíclicas crises agrícolas. O período analisado coincide com um ciclo virtuoso de crescimento da economia mato-grossense. Nesse intervalo o PIB de Mato Grosso cresceu à média anual de 6,74%, saltando de uma participação relativa no PIB nacional de 0,69% em 1993 para 1,50% em 2005. Todavia, é preciso lembrar que, mesmo com a redução do nível de pobreza, 502 mil mato-grossenses continuam vivendo abaixo da linha da pobreza, mácula social que não permite comemorações.

Entretanto, os dados expostos pelas pesquisas permitem afirmar que o modelo de crescimento econômico de Mato Grosso, ancorado na produção agropecuária, não é tão excludente como afirmam alguns críticos. Entre as quinze cidades de Mato Grosso que possuem a melhor qualidade de vida, medida pelo Índice de Desenvolvimento Humano – IDH (PNUD/IPEA, 2000), apenas Cuiabá não está diretamente ligada à produção agropecuária. Os demais quatorze municípios, com IDH considerado alto (acima de 0,79, numa escala de 0 a 1) têm sua economia baseada na produção de grãos, fibras, madeira e carnes.

Análises comparativas mais detalhadas das pesquisas que tiveram publicação recente, permitirá respostas mais precisas sobre o perfil e sustentabilidade do crescimento de Mato Grosso nas últimas décadas, apropriação dos seus ganhos, perspectivas futuras e compatibilizações entre distribuição da renda e redução das desigualdades sociais.

* VIVALDO LOPES é economista, pós-graduado (MBA) em gestão de empresas pela FIA/USP, consultor da Fundação Getúlio Vargas - FGV

vivaldo@uol.com.br
</td>